

Revista Saúde.Com

ISSN 1809-0761

<http://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc>**VIOLÊNCIA CONTRA MULHER E RELIGIÃO**

A violência contra a mulher é um fenômeno estrutural que atravessa diferentes esferas da sociedade, incluindo a religiosa. Embora a fé possa ser fonte de acolhimento e resistência, ela também pode funcionar como instrumento de controle e legitimação da desigualdade de gênero. Segundo Guerra¹, os discursos religiosos tendem a legitimar a dominação masculina, contribuindo para o controle dos comportamentos femininos e a naturalização da violência doméstica. Essa perspectiva é reforçada por Souza e Reimer², que destacam o uso da Bíblia como ferramenta de dominação, especialmente quando interpretada de forma literal e descontextualizada.

A religião, nesse sentido, não apenas reproduz normas sociais opressoras, mas também as reveste de autoridade divina. Como aponta Martins Sirelli e De Oliveira de Sousa³, a sacralização da submissão feminina é uma das formas mais eficazes de perpetuar a violência simbólica e física contra as mulheres. Essa lógica se manifesta em práticas como a exclusão de mulheres de cargos de liderança religiosa, a culpabilização da vítima e o aconselhamento para que suportem agressões em nome da fé. Segundo o relatório visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, destaca dentre as entrevistadas, 42,7% das mulheres que se identificaram como evangélicas sofreram violência ao longo da vida, contra 35% das que se identificaram como católicas⁴.

A violência doméstica é uma das formas mais recorrentes de agressão contra mulheres, e muitas vezes ocorre em ambientes onde a religião é referência moral. Em alguns casos, líderes religiosos aconselham mulheres a manterem o casamento mesmo diante de abusos, reforçando a ideia de que o sofrimento é parte da missão feminina⁵. Santana e Silva⁶ e Miranda¹⁰ destacam a omissão das lideranças religiosas diante da violência doméstica contribuindo para o silenciamento das vítimas e a perpetuação do ciclo de agressão.

Essa postura é especialmente problemática em comunidades onde a religião é a principal fonte de apoio emocional e social. Como aponta Santos⁷, em contextos de vulnerabilidade, a fé pode ser tanto refúgio quanto prisão, dependendo da forma como é mediada pelas lideranças. Por isso, é fundamental que as instituições religiosas assumam um papel ativo na prevenção e no enfrentamento da violência.

Diante do contexto anteriormente citado, nos faz refletir sobre a análise da violência contra a mulher no contexto religioso que exige uma abordagem interseccional, que considere raça, classe, orientação sexual e identidade de gênero. Segundo Crenshaw⁸, a interseccionalidade permite compreender como diferentes formas de opressão se articulam e se reforçam mutuamente. No

Revista Saúde.Com

ISSN 1809-0761

<http://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc>

caso das mulheres negras e trans, por exemplo, a violência religiosa se soma à exclusão social e à discriminação institucional.

Essa perspectiva é essencial para construir políticas públicas e práticas religiosas mais inclusivas. Como destaca Franco e Dias⁹, que a interseccionalidade é uma ferramenta indispensável para pensar em direitos humanos quando se fala em etnia, classe, raça e gênero dentro das comunidades de fé. Ela permite reconhecer que nem todas as mulheres vivem a violência da mesma forma, e que a resposta institucional precisa ser sensível a essas diferenças.

Além disso, considero que é fundamental que as políticas públicas dialoguem com as instituições religiosas, reconhecendo seu papel na formação de valores e na mobilização comunitária. A articulação entre Estado, sociedade civil e comunidades de fé pode fortalecer redes de proteção e ampliar o alcance das ações de enfrentamento à violência.

Observo que é impossível ignorar o peso que a religião tem na vida cotidiana, especialmente em regiões mais vulneráveis. Em muitos casos, ela é a única referência de apoio emocional, espiritual e social. Por isso, é urgente que as lideranças religiosas assumam a responsabilidade de promover uma cultura de paz, respeito e equidade. A violência contra a mulher não é apenas um problema jurídico ou policial, é uma questão ética, espiritual e civilizatória. A fé, quando bem orientada, pode ser uma força poderosa de transformação. Mas quando usada para justificar abusos, torna-se cúmplice do sofrimento.

Afirmo que é preciso coragem para romper com tradições que oprimem, além de sabedoria e estratégias para construir novas formas de viver a espiritualidade. Meu desejo é que todas as igrejas, templos e comunidades de fé sejam espaços de acolhimento, não de silenciamento. Que a religião seja ponte, não prisão.

REFERENCIAS

1. Guerra KMPP. Análise da violência doméstica e familiar e a religião. Rev Cient Multidiscip Núcleo do Conhecimento. 2023;8(8):147–60. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/wp-content/uploads/2023/08/domestica-e-familiar-e-a-religiao.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2025.
2. Martins Sirelli P, De Oliveira de Sousa M. Religião e a propagação da ideia de submissão da mulher. Rev Serv Soc Perspect. 2020;1(2):200–18. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/972/1021> . Acesso em: 28 ago. 2025.
3. Souza CB, Reimer IR. Violência, Bíblia e as mulheres. Rev UNITAS. 2018;1(1):1–15. Disponível em:

Revista Saúde.Com

ISSN 1809-0761

<http://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc>

<https://revista.fuv.edu.br/index.php/unitas/article/view/645>. Acesso em: 28 ago. 2025.

4. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil – 5ª edição. São Paulo: FBSP; 2025. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2025/03/relatorio-visivel-e-invisivel-5ed-2025.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2025.

5. Koinon – Presença Ecumênica e Serviço. Religião e violência contra a mulher. São Paulo: Koinonia; 2014. (Série Conhecer para Superar). Disponível em: https://koinonia.org.br/wp-content/uploads/2014/08/koinonia_koinonia-livro-religiao-web.pdf. Acesso em: 10 set. 2025.

6. Santana LM, Silva SCCG. A violência doméstica contra a mulher na perspectiva das lideranças evangélicas: revisitando as literaturas. Cad Teol PUCPR. 2023;8(2):5–15. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/cadernoteologico/article/view/30791>. DOI: 10.7213/2318-8065.08.02.p05-15. Acesso em: 28 ago. 2025.

7. Santos DAS. À procura de sentido e segurança: a religiosidade como refúgio no contexto de crise da ordem da governamentalidade neoliberal. Rev Sacrilegens. 2018;15. Disponível em: <https://www.academia.edu/42870569>. Acesso em: 28 ago. 2025.

8. Crenshaw K. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. Stanford Law Rev. 1991;43(6):1241–99. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1229039>. Acesso em: 25 ago. 2025.

9. Franco C, Dias TB. Religião, direitos humanos e interseccionalidades: reposicionando a categoria “religião” no debate interseccional. Estud Religião. 2021;35(2):309–30. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/estudosreligiao/article/view/337/332>. Acesso em: 28 ago. 2025.

10. Miranda AB. Ação educativa em saúde para o enfrentamento da violência doméstica contra as mulheres [manuscrito]: a experiência do grupo Despertar. TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins. (Orientadora) .Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 158, 2018. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6929639 Acesso em 24 set. 2025.

Prof. Inaldo Kley do Nascimento Moraes

Enfermeiro. Doutorando em ciências da saúde
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
PPGES (Campus Jequié).